

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Ceará Class.: PIP-antecedentes

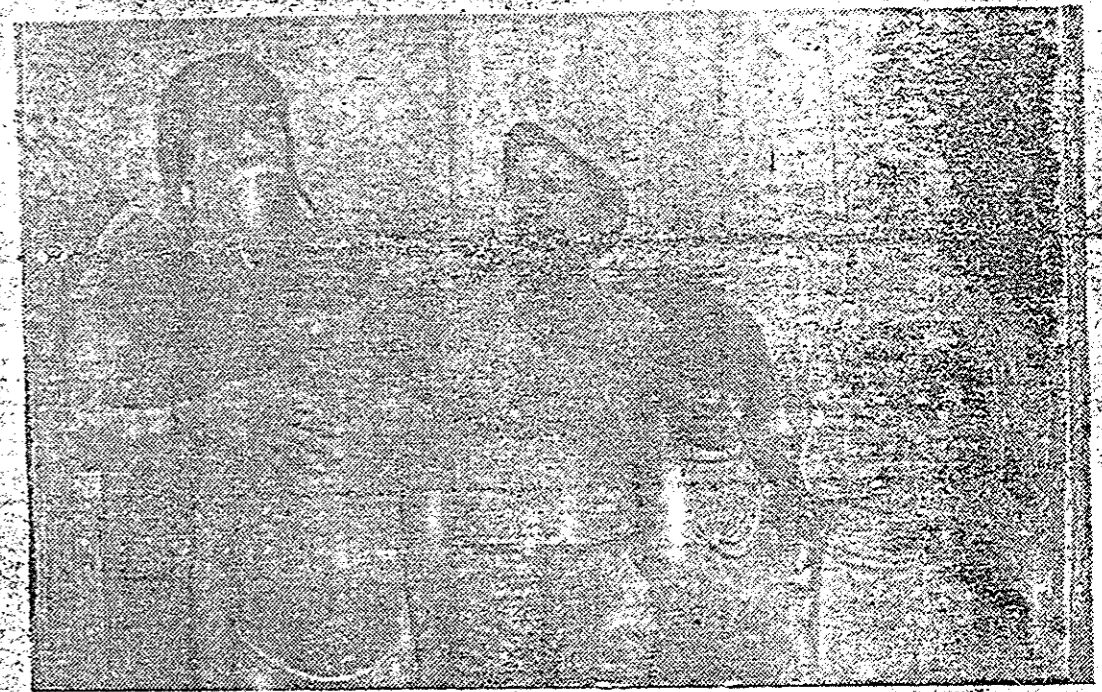
Data: 05.07.58 Pg.: capa 489

VILAS BOAS, O SERTANISTA FAMOSO, FALA AO "CORREIO DO CEARÁ", EM PLENA SELVA

(50) Ao Sertanista Vilas Boas em pleno do Sertão

«Eu Gosto de Trabalhar Com Índios»

O Sargento Francisco Teixeira, do Serviço de Relações Públicas da Base Aérea de Santos, Nosso Antigo Companheiro e Colaborador dos "Diários Associados", Cêlha Sensacional Entrevista Especial para o COREIO DO CEARÁ — O Problema do Índio no Brasil — O Parque Indígena Sonhado Por Rondón — Não Deixará o Mato Nunca (Oitava Página)



UM ÍNDIO CAIPO, dois jovens Kiukuro, Orlando Vilas Boas e o sargento Francisco Teixeira, do Serviço de Relações Públicas da Base Aérea de Santos.



O SARGENTO Francisco Teixeira, acompanhado por dois índios

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Ceará

Class.: PIX antídotos

Data: 05.07.58

Pg.: 8 489

"Eu Gosto de Trabalhar Com Índios"

Reportagem de Francisco Teixeira ("D.A.")

Não há nada pior que ficar sozinho na selva de 80 a 90 dias. O trabalho é duro.

Em plena selva brasileira, nas proximidades da fha do Bananal, maior ilha fluvial do mundo, o sargento Francisco Teixeira, do Serviço de Relações Públicas da Base Aérea de Santos, colaborador dos "Diários Associados", realizou oportuna entrevista com o sertanista Orlando Vilas Boas, especificamente para o CORREIO DO CEARÁ.

As perguntas realizadas com senso e oportunidade pelo repórter obtiveram interessantes respostas do sertanista Vilas Boas, algumas que colocam em evidência o problema do índio em nosso território. Os índios da região Xingu, como é o caso do índio Xukahamã, usam botoques nos lábios e nas orelhas, e sua arma mais perigosa é a burduna. Vão aqui as perguntas formuladas pelo repórter e as respostas do conhecido sertanista brasileiro.

— **QUANTOS ANOS VOCE VEM SE DEDICANDO A ESTA ATIVIDADE ABNEGADA MISERICORDIA DE SERTANISTA?**

— Há três meses, mas parece que já ontem. Só tenho certeza e não foi porque, dias há em que as juntas amanchecem duras. O sertão cobra um tributo muito caro, mas em compensação aqui não uso gravata, não cugo buzina e não vejo chaminés erommes soltando fumo preto.

— **Voce dirá e a malária? Respondendo eu, há coisa mais gostosa do que tremer de frio a 40 graus?**

— Esse negocio de abnegação é força de expressão. Nada melhor do que se fazer um serviço que se gosta. Eu gosto de trabalhar com índios. Há sapateiros que batem solas com carinho.

— **Voce já imaginou a sensação que tem ao navegar um rio onde nunca um branco passou? Ver um índio que nunca viu um branco? Encontrar um civilizado com cabelo e barba cor de fogo do no de um enorme bote que frolela de madeira encrustrada no jato inferior, perdido desde dois anos de idade no meio de botocudo? Comer um macaco assado? Navegar num rio de mais de mil metros de largura e dar numa praia grande e alviçareira com uma onça pintada passeando? Ver dois jaburus passeando na praia com passas lentos e graves, tal qual dois filósofos com as mãos cruzadas às costas? Voce já imaginou isso, Teixeira? A minha missão é ver essas coisas e nunca esquecer. É árdua, Orlando! Às vezes...**

— **COMO VOCE ENCARA O PROBLEMA DO INDIO NO BRASIL?**

— O problema é muito complexo. As soluções variam com a natureza de cada comunidade levando em conta a região em que habitam. As soluções para os índios do Rio Grande do Sul não podem ser as mesmas para os do Amazonas e Mato Grosso. Os Xerentes e os Craó do Tocantins, os Carajás do Araguaia ou os Bororós do alto Gariças não podem ser encarados da mesma maneira dos xinguano. São po-

vos em estágios diferentes. Dia virá, si quisermos encarar o problema com realismo e seriedade, em que o Serviço de Índios se tornará um organismo puramente técnico. O índio não deve mais ser encarado como um individuo a quem se deve ter pena, ou então, como um "bicho" raro.

— **Não. Nada disso. Ele deve ser respeitado como povo de cultura e economia próprias. Como povos de maiores recursos, devemos a eles meios para que possam se defender dos males e inovações, que nós mesmos lhes demos.**

— **COMO ESTA SENDO ESTUDADO PELAS AUTORIDADES O VELHO SONHO DO MARECHAL RONDON SOBRE A CRIAÇÃO DE UM PARQUE INDIGENA NO BRASIL?**

— Dado a nossa extensão territorial, já devíamos ter não um, mas 10 Parques. O único que anda em estudo transitou e foi arquivado no Senado, mas há dois anos dorme nua das gavetas da Câmara.

— **PORQUE NAO SAI? PORQUE O INDIO NAO VOTA. EM VEZ DE BUSTO OU UMA ESTATUA A RONDON, TEMOS CERTEZA QUE ELA FICARIA MUITO MAIS SATISFEITO COM A SAIDA DO PARQUE RONDON, SONHO VELHO, DO VELHO MARECHAL. PORQUE NAO SAI O PARQUE? PORQUE TODO MUNDO QUER ENRIQUECER DEPRESSA, E TERRA DE INDIO É TERRA BARATA.**

— **HA ALGUMA EXPEDICAO EM VISTA? QUANDO E QUAL O OBJETIVO NELA A ATINGIR?**

Normalmente fazemos duas expedições por ano. Visitas a aldeias mansas e distantes, prosseguimento num trabalho de atração de índios hostis, exploração de um rio: procura de batidas de índios novos e desconhecidos; câmpos e aviação, etc.

A nossa próxima saída será em visita aos índios Jurunas, Caçabi e ver até onde estão vindo os rastros do desconhecido Mirará. Depois seguiremos para uma visita aos semi-bravos Txukarramão e abrir uma clareira, nela fixando o marco do centro territorial brasileiro. Nessa brincadeira rolaremos o-53.

— **PRETENDE VOCE UM DIA DEIXAR A VIDA DAS SELVAS?**

— A vida bem que é deixar a vida nas selvas, pior seria si fosse a vida nas selvas.

— **Não pensei ainda sobre esse assunto. Lembro-me a propósito de um trabalhador que finamos na EXPEDICAO RONCADOR-XINGU que um dia aborrecido com a falta com a ronda do índio, com o serviço duro do mató, disse sério e nervoso: "Quando eu sai daqui juro que nunca mais eu entro no sertão. Vou pro Ipixuna tirar castanha".**

— **Ipixuna também é sertão bruto. Pobre Mariano, e não sabia fazer mais nada fora do mató.**

— **E eu? Não estaria no mesmo caso do Mariano?**